

REVISTA

ESTANISLAU MARIA da Revista

São 6.400 km, 16 cachoeiras, corredeiras atravessadas em canoa escavada em um tronco, três rios, duas balsas e quatro dias na boléia de um caminhão. Na semana em que se comemoram os 500 anos do Descobrimento, uma tribo dos "confins" do Brasil, os baniuas, lança a primeira grife indígena nacional, transformando em marca um legado cultural de pelo menos 2.000 anos.

Vender artesanato quase toda nação indígena vende. São iniciativas tímidas, com capacidade de produção reduzida e sem esquema de entrega regular. O que os baniuas ambicionam é o artesanato com escala (ainda pequena), encomendas definidas e técnicas de administração. Para isso, o desafio é trazer a linha de cestaria —feita com arumã, uma palmeira nativa—, do alto rio Içana (divisa com a Colômbia) até São Paulo.

O projeto é parceria de uma ONG —o ISA (Instituto Socioambiental)— e outras duas entidades —a Foirn (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) e a Oibi (Organização Indígena da Bacia do Içana). O financiamento vem da Europa.

O lançamento da marca e de um livro de bolso com a história baniua, amanhã, em um restaurante de São Paulo, vai festejar também uma espécie de renascimento da arte baniua, que vinha perdendo força a cada ano, a ponto de muitos meninos já não se interessarem em aprender o ofício.

Pela cultura baniua, dominar a arte da cestaria é um ritual de passagem. Só os homens fazem; as mulheres usam. Ele só se torna homem quando aprende a fazer; ela vira mulher quando recebe uma de presente de um rapaz.

Índio trabalha

"O lançamento tem outro significado importante. Há séculos, existe um preconceito de que os índios não trabalham. Com isso, mostramos nossa cultura, nosso poder de produção e administração", diz André Fernando, 29, presidente da Oibi, que mora na aldeia de Tarumã-Rupitá, em São Gabriel da Cachoeira (AM).

A entrega das cestas é quase uma epopéia: o artesanato baniua é carregado em canoas por cachoeiras e corredeiras no rio Içana até chegar a São Gabriel, depois cruza os rios Negro e Amazonas de balsa, passa por Manaus e Belém e, de lá, vem de caminhão para São Paulo.

Na região do alto rio Negro, vivem cerca de 35 mil índios (4.000 baniuas) de 22 etnias diferentes. O número representa pouco mais de 10% de toda a população indígena do país, estimada em 320 mil índios de 210 povos. A população na chegada de Cabral é estimada entre 2 e 5 milhões de índios.

Apesar da extinção de 900 etnias, a população indígena vem crescendo. Estimativas de 1995 apontavam 300 mil índios. A taxa de crescimento é de 3,2% ao ano, mais que o dobro da taxa geral da população brasileira.

Hoje, 90% dos índios brasileiros estão em lugares diferentes de onde estavam no Descobrimento. "Isso é reflexo da colonização. Eles se esconderam, foram empurrados pelos brancos para as cabeceiras de cachoeiras", diz o antropólogo Carlos Alberto Ricardo, coordenador do programa Rio Negro do ISA.

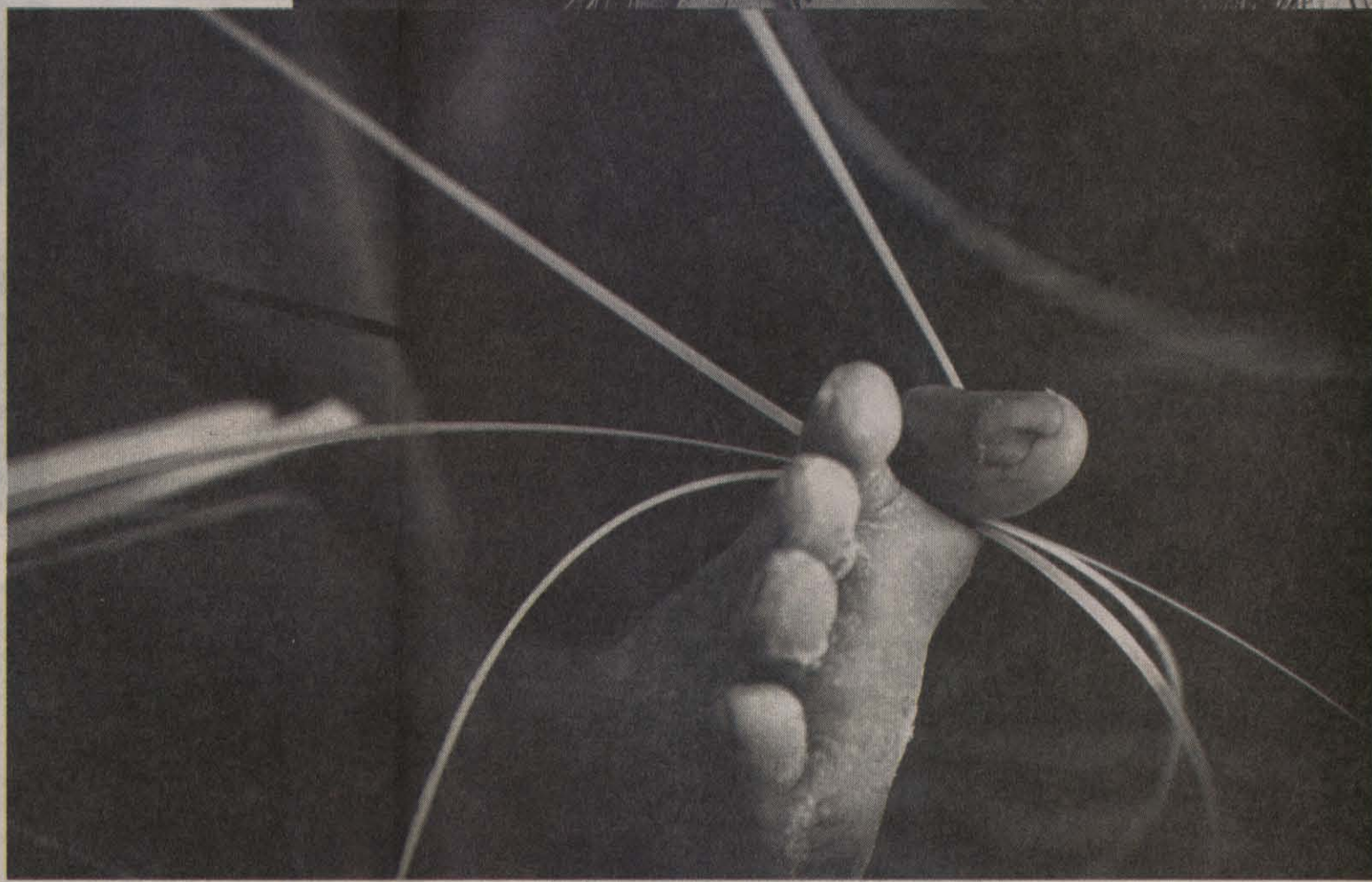
Segundo Ricardo, a área do rio Negro sempre foi pobre das chamadas "drogas do sertão" (urucu, canela e cravo indígenas, cacau, coconilha, castanha, pimenta), cobiçadas desde a sanha extrativa na Amazônia colonial. Essa falta de recursos provocou na região do rio Negro um processo inverso. Muitos índios foram "descidos" desde o século 18, atraídos pelos brancos que os escravizaram na roça até transformá-los em empregados domésticos em Belém e Manaus.

O município de São Gabriel da Cachoeira é um pouco reflexo desse "descimento". Cerca de 90% da população é de origem indígena, muitos migraram das aldeias ou já nasceram na cidade.

A cidade, de 27 mil habitantes, segundo o último censo, não tem riqueza própria. Sem agricultura

Como uma cesta produzida há 2.000 anos está ajudando a revitalizar a cultura dos baniuas, do Amazonas

Ao lado, a clorofila da planta arumã é raspada; abaixo, índio prende o tarumã no pé e vai descortçar o talo; as peças são feitas trançando as tiras (na foto da dir.)



Índios do balaio



Claudia vai para a roça com os filhos (foto da dir.); índia espreme massa para fazer tapioca (foto da esq.)



forte nem indústria, vive dos passaportes governamentais. Dos 20 padres da diocese, 4 são índios. Dos 20 PMs, 16 são índios.

Como qualquer cidade brasileira, a periferia tem os maiores índices de violência. Nos últimos seis meses, dois índios foram mortos. Começam a aparecer gangues de adolescentes e, além do alcoolismo —um dos problemas sérios da saúde local—, está aumentando o consumo de maconha.

"Animar a produção de objetos da casca de arumã, além de gerar renda para o nosso povo, é também uma forma de reciclagem e disseminação da nossa cultura", comemora Bonifácio José, 31, representante baniua na Foirn, com sede em São Gabriel.

Havaianas
 Nas aldeias e na cidade, índias e índios se vestem como qualquer morador de cidade quente no

Brasil: calça de algodão, vestido, jeans (geralmente surrado), bermuda, camiseta, camisas de times de futebol (Flamengo, Corinthians, Barcelona...).

Havaianas são comuns, o que aumenta o risco das picadas de jararacas, abundantes na região. O veneno gangrena a região afetada e o risco de morte ou amputação é grande. Para ir do alto rio Içana até São Gabriel, onde há hospital, são três dias de barco. As picadas só não são fatais porque os índios se curam com plantas.

"A região é isolada e tem como maior desafio os problemas de saúde, graves e endêmicos", diz o antropólogo Ricardo, do ISA. Por isso, o lançamento da grife baniua é encarado como uma das vendas. "O sonho é conseguir vender toda a cestaria em muitas lojas de São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Manaus, Salvador. E envolver todas as quase 700 comunidades para

melhorar as condições de transporte, educação e saúde", diz.

Por enquanto, os baniuas têm encomendas apenas da Tok & Stok, que vai vender os cestos. Inicialmente, serão 400 dúzias de cestos por ano. Os índios produzem ainda redes, jarros, balaio, aparadores, peneiras e tipitis.

Os baniuas dizem não ter o que festejar nos 500 anos e estarão na Marcha Indígena 2000, que reúne povos de todo o país e deve chegar a Porto Seguro nesta semana.

Apesar de terem as terras demarcadas, pairam sobre os baniua duas ameaças: a militarização da região de fronteira, por causa do narcotráfico e da guerrilha, e a invasão de mineradoras que esperam a autorização legal para trabalhar em terra indígena. A Constituição de 1988 prevê esse dispositivo, mas falta uma lei ordinária que regulamente essa entrada. Já há uma lista de espera de mineradoras aguardando tal autorização e af... serão outros 500.

Serviço: O livro de bolso sobre a arte baniua estará disponível no ISA, av. Higienópolis, 901, e nas lojas Tok & Stok, por R\$ 10. Também na versão eletrônica no site www.socioambiental.org. Tok & Stok: tel. 0800-160161. O preço dos cestos varia de R\$ 25 a R\$ 44.

Se você é assinante da Folha UOL, leia a edição completa da Revista da Folha no endereço www.uol.com.br/revista

'Mulheres querem roupa para os filhos, rádio, enfeite'

da Revista

Na cultura baniua, os homens pescam, caçam, preparam a roça e fazem as cestas e os utensílios de artesanato; as mulheres usam esses utensílios no preparo da mandioca. Mas não fazem a cestaria.

Com as encomendas de São Paulo, por enquanto há uma artesã nas 16 comunidades. Leia abaixo trechos da entrevista de Claudia Lara Miguel, 25, mulher do presidente da Oibi, André Fernando, 29. O marido foi o intérprete, pois ela quis falar em baniua.

★
Revista - As crianças vão para a roça?

Claudia - Sempre levo os meninos. Todas as mães levam. Ao amanhecer, preparo peixe e chibé (mingau de farinha de mandioca), que vão ser nossa comida no mato.

Revista - Vocês não dividem o trabalho com os maridos?

Claudia - Não.

Revista - Por quê?

Claudia - Porque sim. É assim mesmo. O marido caça, pesca e faz o artesanato. A mulher cuida das crianças e da comida, desde o plantio até o preparo da massa de mandioca e farinha. O marido trabalha na derrubada e prepara a roça.

Revista - Vocês vão para a roça todo dia?

Claudia - Não. Alguns dias a mulher fica na aldeia para cuidar da casa, lavar roupa e preparar a mandioca.

Revista - E o artesanato?

Claudia - Algumas mulheres estão interessadas, sabem fazer e também querem vender as cestas. Elas pretendem ganhar dinheiro e comprar roupa para as crianças e coisas para elas, panela, rádio, roupa, enfeite.

Revista - Para chegar de Tucumã até São Gabriel são três dias de barco. É arriscado com as crianças?

Claudia - É a nossa vida. Fazemos sempre isso. Nas cachoeiras, nós descemos do barco. Eu cuido dos meninos e os homens arrastam o barco.